



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS-INGLÊS**

RENATO ÉLKER DOS SANTOS

**REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO
DOCENTE**

**CAMPINA GRANDE
2021**

RENATO ÉLKER DOS SANTOS

**REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO
DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso de
Letras e Artes da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de licenciado em Letras-Inglês.

Orientador: Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Renato Elker dos.
Reflexões sobre o estágio supervisionado para a formação docente [manuscrito] / Renato Elker dos Santos. - 2021.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.
"Orientação : Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Estágio supervisionado. 2. Formação de professor. 3. Formação continuada. 4. Identidade docente. I. Título
21. ed. CDD 371.225

RENATO ÉLKER DOS SANTOS

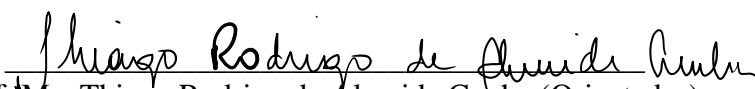
**REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO
DOCENTE**


Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso Letras
e Artes da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em Letras-Inglês.

Aprovado em: 09/03/2021.

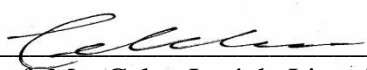
Nota: 8,0

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Daniela Gomes de Araújo Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Celso José de Lima Junior.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, pela oportunidade de estar aqui. À
minha mãe e ao meu pai (*in memoriam*), pelo
apoio, motivação e carinho. DEDICO.

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”
(Rubem Alves, “**A alegria de ensinar**”, 1994)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	06
2	BREVE HISTÓRICO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO BRASIL..	07
3	AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE ESTÁGIO.....	09
3.1	Estágio Supervisionado: a nova concepção.....	11
3.2	Estágio Supervisionado na formação do professor pesquisador e reflexivo.....	12
3.3	O Estágio e a construção da identidade do professor.....	13
4	O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE QUEM NÃO EXERCE O MAGISTÉRIO.....	15
5	A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR EM EXERCÍCIO.....	17
6	FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	19
7	METODOLOGIA.....	20
8	REFLEXÕES A PARTIR DA TEORIA APRESENTADA.....	21
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS.....	26

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

REFLECTIONS ON THE SUPERVISED INTERNSHIP FOR TEACHING TRAINING

Renato Élker dos Santos^{1*}

RESUMO

Este trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica que tem como objetivo demonstrar as contribuições do Estágio Supervisionado para o professor em formação inicial, relacionar teoria e prática no Estágio Supervisionado; demonstrar o Estágio Supervisionado como um espaço de reflexão e pesquisa; apresentar as contribuições do Estágio Supervisionado para a formação da identidade docente e analisar o Estágio Supervisionado como formação inicial e continuada de professores. Este trabalho está organizado da seguinte maneira: foi apresentado um breve histórico do Estágio Supervisionado no Brasil; as diferentes concepções de Estágio e a nova concepção do mesmo; o Estágio Supervisionado e a sua contribuição na formação do professor pesquisador e reflexivo; o estágio e a construção da identidade do professor; a importância do Estágio Supervisionado para o professor em exercício e uma breve contextualização a formação continuada de professores. Para discorrer sobre estes pontos utilizamos como embasamento as teorias de Bueno (2007), Pimenta e Lima (2006), Pimenta e Lima (2017), Andrade (2009), Fernandes (2014), Martini (2010) e Barcelos e Coelho (2010).

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Professor em Formação. Identidade Docente.

ABSTRACT

This work consists of a bibliographic research that aims to demonstrate the contributions of the Supervised Internship to the teacher in initial formation, relate theory and practice in the Supervised Internship; configure the Supervised Internship as a space for reflection and research; present the contributions of the Supervised Internship for the formation of the teacher's identity and analyze the Supervised Internship as initial and continuing teacher training. This work is organized as follows: a brief history of the Supervised Internship in Brazil was presented; the different conceptions of Internship and the new conception of it; the Supervised Internship and its contribution in the formation of the researcher and reflective teacher; the Internship and the construction of the teacher's identity; the importance of the Supervised Internship for the teacher in exercise and a brief contextualization to the continued formation of teachers. To discuss these points, we used theories of Bueno (2007), Pimenta and Lima (2006), Pimenta and Lima (2017), Andrade (2009), Fernandes (2014), Martini (2010) and Barcelos and Coelho (2010).

Keywords: Supervised Internship. Teacher in Initial Formation. Teacher's Identity.

¹ Graduando do Curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I – cidade Campina Grande – PB.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica que tem como objetivo geral demonstrar as contribuições do Estágio Supervisionado para o professor em formação. E também os objetivos específicos: relacionar teoria e prática no Estágio Supervisionado; configurar o Estágio Supervisionado como um espaço de reflexão e pesquisa; apresentar as contribuições do Estágio Supervisionado para a formação da identidade docente e analisar o Estágio Supervisionado como formação inicial e continuada de professores.

A motivação para escrever sobre este tema veio da compreensão de que o Estágio Supervisionado é um espaço de grande relevância na formação de novos professores. Além disso, pode ser no campo de Estágio que o estagiário consolida a sua identidade docente.

No Brasil, as discussões sobre formação de professores tiveram início no século XIX. A economia brasileira era baseada na agricultura, e dessa forma, os profissionais não precisavam de qualificação para assumir postos de trabalho. A formação inicial do profissional da educação foi se transformando à medida que a sociedade também mudava e a demanda por trabalhadores que ocupassem cargos no mercado de trabalho aumentou significativamente, já que a Revolução Industrial ocorrida no século XVIII na Inglaterra acelerou todo o processo econômico mundial.

Desse modo, a necessidade de se pensar numa formação que permitisse aos professores preparar profissionais qualificados para o trabalho foi aumentando. Surge então, a necessidade de uma educação com mais qualidade para esses trabalhadores. Ter instrução passou a ser algo valioso. Assim, começaram a pensar numa forma de implementar o Estágio Supervisionado no Brasil.

O Estágio Supervisionado era percebido como a parte prática separada da teoria para os professores em formação. Podemos levantar uma pertinente questão: a formação de professores é dividida em uma parte teórica e uma parte prática? Um dos maiores equívocos na formação profissional de professores pode ser a separação entre teoria e prática.

Surgiram novas pesquisas para tentar configurar o Estágio como uma aproximação da realidade refletindo sobre o cotidiano escolar tornando o professor em formação um pesquisador.

Segundo Pimenta e Lima (2017), a configuração do campo de Estágio influencia na construção da identidade do professor. A formação identitária docente se constrói através do seu percurso profissional ao longo do Magistério. Portanto, o estágio tem um grande papel na configuração da identidade docente, visto que, ele está em um processo de reflexão durante o processo de formação docente.

Segundo Pimenta e Lima (2017), nos apresentam reflexões sobre o estagiário que já exerce o Magistério, e também para aquele que já exerce. O docente em formação pode compartilhar suas experiências vivenciadas no ambiente escolar com os estagiários construindo novas identidades, ou seja, ele construa sua prática com base em novas teorias.

Para discorrer sobre estes pontos, foram utilizados como embasamento as teorias de Bueno (2007), Pimenta e Lima (2006), Pimenta e Lima (2017), Andrade (2009), Fernandes (2014), Martini (2010) e Barcelos e Coelho (2010).

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: é apresentado um breve histórico do Estágio Supervisionado no Brasil, as diferentes concepções de Estágio e a nova concepção do mesmo, o Estágio Supervisionado e a sua contribuição para a formação do professor pesquisador e reflexivo, o estágio e a construção da identidade do professor, a importância do Estágio Supervisionado para o professor em exercício e uma breve contextualização acerca da formação continuada de professores.

2 BREVE HISTÓRICO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO BRASIL

É necessário suscitar novas questões e reflexões sobre o Estágio Supervisionado que são de fundamental importância para a formação do estudante do curso de Licenciatura e para a construção da identidade do professor em formação. As contribuições do Estágio para o estudante da licenciatura possibilitam transformações para que o estagiário exerça o seu trabalho de forma eficaz através dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo do Estágio. Este, por sua vez, tem como finalidade provocar inquietações, buscando novos conhecimentos sobre o tema abordado.

Para apresentar um breve histórico do Estágio Supervisionado no Brasil tomaremos como embasamento teórico um texto da autora Luiza Bueno (2007).

Segundo Bueno (2007), o estágio supervisionado começou a ser discutido no Brasil no século XIX, focando, inicialmente, no ensino fundamental séries iniciais com a criação da escola Normal em Niterói no ano de 1835 e com a segunda escola em 1842 na Bahia.

Neste período, a economia brasileira era baseada na agricultura e não precisava de qualificação desses profissionais. Dessa forma, não havia a necessidade de formar professores com a finalidade de preparar profissionais para o mercado de trabalho, pois não havia demanda por pessoas qualificadas para este segmento.

Segundo a autora, os sistemas de ensino eram insuficientes para a qualificação de professores, pois ao mesmo tempo em que se aprendia a ler, também se aprendia a ensinar. E a contratação dos mestres-escolas e leigos para ministrarem aulas era uma realidade para aquela época.

Em contraponto, com a Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra no século XVII, houve uma demanda por profissionais cada vez mais qualificados e o mesmo ocorreu no Brasil. Essa “Revolução” transformou as relações de produção e a organização social. A maioria das pessoas passou a viver nas zonas urbanas, e educar esses indivíduos para o mercado de trabalho tornou-se imperativo. O capitalismo exigia que as pessoas que estavam na base da hierarquia social recebessem instruções para entrar no mercado de trabalho, ou seja, saber ler e escrever se tornou um requisito de suma importância naquele período. A respeito dessa questão, Bueno (2007) afirma que

No Brasil, a intensificação do capitalismo industrial ocorreu nas décadas de 20 e 30, em um período em que, no nível mundial, havia a crise de 29 e, no nacional, um país em crise, com vários movimentos que ajudavam a rever e colocar em xeque o monopólio do poder das velhas oligarquias agrárias. Com o desenvolvimento de uma sociedade industrial, ainda que de modo bem desigual no território brasileiro, impulsionam-se também os setores do comércio, da administração, dos transportes, dos serviços em geral. (BUENO, 2007, p.12).

Portanto, com o capitalismo e a busca pelo “lucro” em um período de crise mundial e, especificamente, de uma crise nacional com a “queda” das oligarquias agrárias, a situação se tornou mais difícil. Com o desenvolvimento industrial no Brasil, houve também um crescimento comercial e de outros serviços importantes para uma evolução econômica no país. Surge então, a necessidade de uma educação com mais qualidade para esses trabalhadores.

Assim, com a intensificação das atividades agrárias, comerciais e outros tipos de atividades econômicas no Brasil, foi necessária a elaboração de um sistema educacional que conseguisse qualificar profissionais capazes de acompanhar a evolução dessas atividades. Ter instrução passou a ter grande valor. Então, fez-se necessário investir em ideias que colaborassem para a criação do Estágio Supervisionado e possivelmente, a qualificação de professores que preparassem profissionais para o mercado de trabalho.

Como enfatiza Bueno (2007), foi criada a Faculdade de Educação, Ciências e Letras para a formação de docentes em 1931 com o decreto nº 19.852/31, que só foi efetivado em 1939 com a criação da Universidade do Brasil, através da Faculdade nacional de Filosofia, com a finalidade de preparar candidatos para o magistério.

Essa Faculdade formava Bacharéis em Pedagogia e oferecia o curso de Didática com a duração de um ano. Quando esse curso era realizado por Bacharéis, eram-lhes dado o título de licenciatura para que eles exercessem o Magistério nas redes de ensino. Essa combinação ficou conhecida como “3 + 1”. Segundo Pereira (1999), esse modelo tinha como pressuposto a racionalidade técnica, ou seja, o professor era um técnico que colocava em prática os seus conhecimentos científicos de três anos pedagógicos mais um ano de Didática. Com base nesta ideia, a autora diz que

Na fase de aprendizagem pedagógica, o futuro professor deveria desenvolver o estágio, em que aplicasse os conhecimentos recebidos durante o curso. Nesse caso, parece que se via o estágio como um espaço apenas de aplicação de conhecimentos e não de aprendizagem de uma futura profissão, em que a prática pudesse revelar aspectos que as disciplinas teóricas não conseguiam abarcar. (BUENO, 2007, P. 12-13).

Neste sentido, o ensino assumiu uma postura tecnicista, ou seja, o professor apenas reproduzia no Estágio os conhecimentos obtidos na graduação, e assim, caracterizando o mesmo como um campo de aplicação de conhecimentos teóricos ou práticos. Desse modo, teoria e prática eram tratadas de forma separadas, ou seja, o que era aprendido na teoria do estágio não era tão relevante quando o professor estava utilizando seus conhecimentos práticos para dar aula. Dessa forma, a autora afirma que

Seguindo essa nova organização do ensino, em 1966, o Decreto-Lei nº 53 fragmentava as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, criando a Faculdade de Educação, que seria agora a responsável pela formação de professores. Nota-se, assim, que a separação entre a parte teórica e a parte pedagógica dos cursos se acentua ainda mais, nesse momento. (BUENO, 2007, P. 14).

As instituições de ensino tinham como objetivo principal aumentar os conhecimentos culturais do futuro professor. Os profissionais docentes não estavam preparados para observar a realidade social e educacional brasileira para realizar um trabalho mais eficaz com esses professores em formação.

Em 1964, com o regime militar, há uma preocupação com metodologias para instrumentalizar a preparação para o trabalho observando o desenvolvimento do país que passou a crescer economicamente com a população urbana se sobrepondo à rural, e dessa forma, a necessidade de mão de obra qualificada.

O Brasil começou, então, a preocupar-se com essa demanda, e a partir daí, instaurou uma política educacional em que treinavam os estudantes para o mercado de trabalho. No entanto, na década de 70 e início dos anos 80, com o fim da ditadura militar, a palavra “democracia” ganhou força e muitas ideias que antes não podiam ser mencionadas, agora passaram a promover reflexões que foram muito relevantes na área da educação.

Bueno (2007) relata que com a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, a formação de professores é retomada buscando corrigir a separação que existia entre as disciplinas teóricas e as da educação. Com a finalidade de trabalhar mais a parte prática posteriormente, de acordo com a (LDB/96) foi estabelecido um número mínimo de 400 horas para a prática de ensino e 400 horas para o Estágio Supervisionado, que antes não poderia ser inferior a um semestre. Com as determinações do

Conselho Nacional de Educação (CNE), o Estágio começa a ser valorizado como um espaço de formação do futuro professor. Nesse sentido, a autora acrescenta que

Como se pode verificar, enfatiza-se o estágio como lugar em que o aprendiz de professor conhecerá a situação de trabalho com a qual se defrontará no futuro e no qual mostrará as suas competências. Nota-se, também, que há grande ênfase na quantidade de tempo que deve ser despendida com o estágio, já que isso é instituído por lei. Entretanto, como deve ser efetivamente esse estágio e o que fazer para que o estagiário alcance o objetivo de “um conhecimento do real em situação de trabalho” são questões que os documentos oficiais não têm respondido. (BUENO, 2007, P. 15).

Entretanto, a legislação não foi clara com relação à perspectiva de atuação do Estágio Supervisionado. Segundo Bueno (2007), é possível encontrar diferentes tipos de Estágio e cada um deles se caracteriza o estagiário de acordo com as relações com o professor.

De acordo com Pimenta e Lima (2004), depois de vários estudos durante a formação inicial no Brasil, foram identificados quatro tipos de estágio: 1) estágio focado na observação e imitação dos professores; 2) estágio focado nas técnicas; 3) estágio focado nas críticas em relação à escola; 4) estágio focado na pesquisa trabalhando teoria junto com a prática.

Segundo Bueno (2007), esses quatro tipos de Estágio são adotados dependendo da Instituição Universitária, ou mesmo do professor que ministra a disciplina de Estágio, e da concepção que ele tem sobre os objetivos do Estágio.

Como podemos concluir a partir dos escritos de Bueno (2007), existem diferentes concepções de Estágio com o objetivo de apresentar detalhadamente tais concepções e características, abordamos no tópico seguinte as concepções de Estágio tomando como embasamento Pimenta e Lima (2017).

3 AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE ESTÁGIO

Inicialmente, o Estágio foi compreendido apenas como a parte prática da formação de professores. Esta concepção nos faz entender que os cursos de formação docente são permanentemente divididos em duas partes: a teoria e a prática. A questão pertinente para início dessa discussão é: a formação de professores é dividida em uma parte teórica e outra prática? O estágio é de fato a parte prática na formação de professores? Para responder tais questões usaremos como embasamento os escritos de Pimenta e Lima (2017).

Em primeiro lugar, é importante enfatizar que o exercício da docência exige dos profissionais conhecimentos teóricos e práticos, porém um não reduz a importância do outro, pois, estes são indissociáveis como afirmam Pimenta e Lima (2017).

De acordo com Pimenta e Lima (2017), um dos equívocos preocupantes nos processos de formação profissional é a separação entre teoria e prática. As autoras ressaltam que “(...) a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática. (...)” (PIMENTA E LIMA, 2017, p.30).

Em segundo lugar, é preciso compreender que não se pode resumir o estágio apenas a um fazer prático, pois, nesta perspectiva este será considerado apenas como uma oportunidade de observar a atuação dos professores, e posteriormente, reproduzi-la, sem que haja uma análise crítica com base em fundamentos teóricos, que possa levar o docente em formação a refletir sobre a prática observada, e assim, o estágio torna-se apenas uma busca por modelos de ensino utilizados pela cultura institucional dominante (PIMENTA e LIMA, 2017, p. 29).

Neste sentido, a questão importante a se discutir é a concepção de estágio como uma forma de treinamento, de modo que o objetivo é a aquisição de técnicas para o exercício da profissão. É inegável que na atuação docente, assim como na prática de outros profissionais,

por muitas vezes, torna-se necessário o domínio de técnicas. Porém, “o processo educativo é mais amplo, complexo e inclui situações específicas de treino, mas não pode ser reduzido a este. (...)” (PIMENTA e LIMA, 2017, p. 30). Evidentemente, apenas o domínio de técnicas e/ou processo de treinamento não são suficientes para que o docente em formação compreenda os aspectos históricos, sociais e culturais que envolvem as instituições de ensino.

De acordo com Pimenta e Lima (2017), é na perspectiva técnica que professores em formação buscam encontrar no estágio técnicas e metodologias que possam solucionar as lacunas existentes na profissão docente e no ensino. É nesta conjectura que os problemas do ensino são ocasionados pela ausência de habilidades técnicas e metodológicas, e que as “(...) disciplinas “práticas” dos cursos de formação nas universidades, a didática instrumental aí empregada frequentemente gera a ilusão de que as situações de ensino são iguais e poderão ser resolvidas com técnicas, ”(PIMENTA e LIMA, 2017, p. 3, grifo do autor) fazendo surgir também as políticas governamentais de formação.

Contudo, a visão reducionista do estágio provocou o distanciamento entre a universidade e a escola. De acordo com Pimenta e Lima (2007), esta visão fez com que os estagiários fossem vistos como pessoas que buscavam identificar as falhas nas instituições e levantar críticas aos profissionais atuantes, fator que resulta na rejeição das escolas com os estagiários.

Na percepção de Andrade (2009), a falta de interesse das escolas públicas e privadas por estágios supervisionados tem sido um problema grave para a formação dos alunos de licenciatura. Segundo o autor, frequentemente a realização dos estágios ocorrem a partir da relação amigável entre os professores da instituição formadora e os professores e diretores das escolas públicas, de modo que os responsáveis pela unidade de ensino determinam as normas de como os estágios supervisionados devem acontecer.

De acordo com Pimenta e Lima (2017), conseqüentemente, esta visão de estágio deixa transparecer os problemas na formação docente e as conseqüências da separação entre teoria e prática. Ao adentrar nesta discussão, a separação entre teoria e prática, as autoras afirmam “(...) que nem sempre os professores em formação têm clareza sobre os objetivos que orientam suas ações no contexto escolar e no meio social em que se inserem, sobre os recursos existentes para realizá-los, sobre os caminhos e procedimentos a seguir (...)” (PIMENTA e LIMA, 2017, p.34). Enfatizam que, são nesses casos que a teoria assume seu papel.

(...) O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, pôr elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade. (PIMENTA e LIMA, 2017, p. 35).

Com base na citação, podemos perceber a importância dos conhecimentos teóricos para a execução da prática pedagógica. São estes conhecimentos que orientam a ação docente no contexto escolar, assim, a ausência de tais conhecimentos, provocaria o que Saviani (2008) denominou de ativismo e verbalismo.

Percebemos, então, que o que se opõe de modo excludente à teoria não é a prática, mas o ativismo do mesmo modo que se opõe de modo excludente à prática é o verbalismo e não a teoria. Pois o ativismo é a prática sem a teoria e o verbalismo é a teoria sem a prática. Isto é: o verbalismo é o falar por falar, o blá-blá-blá, o culto da palavra oca; e o ativismo é a ação pela a ação, a prática cega, o agir sem rumo claro, a prática sem objetivo (SAVIANI, 2008, p.128 apud NETO, 2014, p.15).

Em ambas as citações, podemos compreender como a dissociação entre conhecimentos teóricos e práticos podem comprometer a atuação dos professores. O docente não pode apenas utilizar seus conhecimentos práticos, dessa forma, a aula se caracterizaria em um processo mecânico, técnico e de reprodução do que foi aprendido pelo professor no campo de Estágio.

Percebemos que as situações inerentes à sala de aula são diferentes umas das outras, e que, é necessário um processo de reflexão para que o professor consiga se adequar a cada uma dessas novas situações.

O papel da teoria é de fundamental importância na formação docente. A teoria é a caracterização de situações reais do contexto escolar, e desse modo, ela permite ao docente em formação fazer reflexões sobre os processos práticos de ensino e entender o que é eficaz e o que pode ser adaptado ou melhorado de acordo com as necessidades no processo educativo.

Em síntese, a teoria aplicada sem a prática se configura no uso de discursos vagos, pois não consideram o fazer docente, e a prática aplicada sem a teoria resulta em atitudes técnicas, mecânicas e repetitivas no processo de ensino e aprendizagem, já que, não analisa e nem reflete sobre os aspectos teóricos estudados.

A partir desta discussão, e com a percepção de que é de suma importância a relação entre a teoria e a prática, iniciaremos no próximo tópico uma reflexão a respeito de uma nova concepção de estágio, compreendendo-o não apenas como prática, e sim como teoria e prática.

3.1 Estágio Supervisionado: a nova concepção

Após as discussões constantes a respeito da relação entre teoria e prática, surgiram pesquisas que objetivam redefinir a concepção de estágio. Segundo Pimenta e Gonçalves (1990), “a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma *aproximação à realidade* na qual atuará.” (apud PIMENTA e LIMA, 2017, p.36, grifo do autor). Neste sentido, o estágio deixa de ser compreendido como a parte prática e torna-se uma oportunidade para a reflexão a partir da realidade de sala, afirmam as autoras.

Em busca de aprofundamento, e com intuito de superar essa separação entre teoria e prática, Pimenta (1994), a partir de pesquisas realizadas em escolas de formação de professores, chegou à conclusão de que o estágio não é uma atividade prática, e sim teórica que instrumentaliza a práxis docente. Com esta nova compreensão autores como Araújo (2008) e Passos (2008), apresentam novas afirmações a respeito do estágio.

Araújo (2008) afirma:

(...) O Estágio Supervisionado deve superar a visão dicotômica que o reduz à aplicação de saberes de forma descontextualizada, para ser entendido como oportunidade de aproximação crítica com a realidade, de forma que seja entendida no âmbito das relações que envolvem a escola no contexto social mais amplo (ARAÚJO, 2008 apud PIMENTA e LIMA, 2017, p.37).

Ampliando a ideia de que o estágio é a oportunidade de aproximação crítica da realidade como consta na citação acima, Passos (2008) situa “(...) o Estágio Curricular Supervisionado como espaço de preparação para a docência. Nele pode ocorrer a produção de conhecimentos sobre a profissão magistério (...)” (PASSOS, 2008 apud PIMENTA e LIMA, 2017, p.37).

Ainda sobre esta questão, podemos encontrar considerações nos escritos de Andrade (2009), o autor ressalta que:

O estágio permite a integração da teoria e da prática – o encontro do geral com o particular, do conceitual com o concreto, do virtual com o real. É portanto, o Estágio, uma importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciado

vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência – fazer bem o que lhe compete (ANDRADE, 2009, p.02).

Posto isto, podemos afirmar que diante a nova concepção de Estágio discutida por Pimenta e Lima (2017) no tópico anterior, enfatiza que o Estágio Supervisionado é compreendido como um espaço de aproximação da realidade escolar, tendo como principal objetivo proporcionar ao estagiário a oportunidade de observar e vivenciar situações que farão parte da sua profissão.

Além disso, é a partir desta experiência que o professor em formação poderá analisar criticamente a atuação de outros profissionais, sendo está análise realizada sob a luz dos conhecimentos teóricos adquiridos durante a formação inicial. Nesta perspectiva, o estágio surge como uma possibilidade de pesquisa, de modo que os estagiários possam desenvolver habilidades de pesquisador, e assim, buscar explicações e possíveis soluções para os problemas que envolvem o contexto escolar como afirmam Pimenta e Lima (2017).

3.2 Estágio Supervisionado na formação do professor pesquisador e reflexivo

O estágio supervisionado é um campo de trabalho no qual, vários conhecimentos são aflorados através de análises e reflexões. É desenvolvido através de práticas educativas que simulam a prática de um professor no seu dia a dia. Portanto, se configurando num campo de pesquisa.

De fato, o estágio supervisionado atribui aos estagiários a característica de professor pesquisador e reflexivo, no qual ele está sempre em busca de novas ideias e reflete sobre o que ele está colocando em prática na sala de aula tanto como estagiário, quanto como professor em exercício. Essa postura investigativa o auxilia na elaboração de estratégias para facilitar o processo de ensino e aprendizagem. A partir desse ponto de vista, o estágio passa a ser uma formação inicial e continuada para os estudantes que já exercem a profissão, adquirindo experiência profissional no cotidiano escolar. Diante desta possibilidade de estágio como um campo de atuação do pesquisador, os cursos de formação profissional passaram a inserir em seus currículos o estágio como oportunidade para o desenvolvimento de pesquisas, como afirma Pimenta e Lima (2006).

(...) Os currículos de formação de profissionais começaram, por meio dos estágios, a valorizar atividades para o desenvolvimento da capacidade de reflexão e de realização de pesquisas, tomando a prática existente de outros profissionais e dos próprios professores nos contextos institucionais. Tirar do papel e tentar operacionalizar a ideia do professor reflexivo e pesquisador é o grande desafio das propostas curriculares dos cursos de magistério e dos planos de ensino dos professores formadores. De forma individual ou coletiva, há tentativas várias de concretização de tal proposta em diferentes modalidades de estágio”. (PIMENTA e LIMA, 2006, p. 18).

Com o suporte do estágio, e já em exercício, o professor em formação tem a escola como um ambiente de prática docente e o estágio como formação inicial e continuada, oferecendo novas ideias, teorias e práticas que são muito úteis para a formação do estagiário. O estudante do curso de licenciatura desenvolve a capacidade de pesquisar novas ideias que facilitem o trabalho no cotidiano escolar.

Os futuros docentes também aprendem que tanto no campo de estágio, como na escola em que exercem o Magistério, é preciso sempre refletir sobre a prática docente. Refletir sobre o que está dando certo, ou não, se a sua metodologia está atendendo a todos os alunos, se sua

metodologia possibilita a formação de alunos críticos e reflexivos, ou seja, é preciso pensar sempre no que pode ser modificado para que se possa ser mais eficaz no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Pimenta e Lima (2016), a análise reflexiva sobre a prática surge a partir da problematização das ações e práticas desenvolvidas pelo o próprio professor em formação, que com base nos conhecimentos teóricos buscam ressignificar sua prática. Neste sentido, a teoria assume o papel essencial para esta análise. Segundo as autoras

(...) O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e deles mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir transformando-os. Daí, é fundamental o permanente exercício da crítica às condições materiais nas quais o ensino ocorre. (PIMENTA e LIMA, 2017, p. 42).

Posto isso, podemos considerar que a teoria está atrelada à prática docente. É preciso entender teoria e prática funcionando juntas. A teoria que é ensinada no estágio permite aos professores em formação inicial e continuada entender as diferentes situações e dificuldades que ocorrem na sala de aula. É uma instrumentalização teórica para que os estagiários conheçam o funcionamento das escolas, ou mesmo como o professor poderia intervir a fim de aperfeiçoar a prática docente. É através da teoria que o professor aprende a ser pesquisador e reflexivo para que nas situações práticas de sala de aula, que são sempre diferentes, o professor possa refletir e saber qual é a melhor forma de agir em cada situação específica.

Nesta perspectiva, o estágio configura-se como um componente essencial para a formação profissional docente, uma vez que abrange o ambiente escolar como um todo, não se reduzindo apenas a observação e análise das práticas desenvolvidas exclusivamente nas salas de aula, além disso, proporciona aos futuros docentes a preparação para o exercício profissional, contribuindo também para a construção da sua própria identidade.

3.3 O estágio e a construção da identidade do professor

A construção da identidade do professor elenca inúmeros questionamentos, porém, o nosso objetivo é discorrer sobre a seguinte indagação: de que maneira o estágio como componente curricular pode contribuir para a construção da identidade docente? Sendo este um dos questionamentos apresentados pelas autoras Pimenta e Lima (2017).

É importante salientar que “a identidade do professor é construída ao longo da sua trajetória profissional do Magistério” (PIMENTA e LIMA, 2017, p. 51). Considerando o estágio como um espaço de reflexão, como enfatizamos anteriormente, ele torna-se um lugar propício para a construção identitária do professor. Isto se torna evidente com a afirmação de Buriolla (1999). A autora ressalta:

O estágio é o lócus onde a identidade profissional é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativamente e sistematicamente com essa finalidade. (BURIOLLA, 1999, p.10 apud PIMENTA e LIMA, 2017, p.51).

Na concepção de Guimarães (2004), “os estudos sobre identidade, e principalmente identidade profissional docente, têm um caráter interdisciplinar e complexo, podendo receber significados diferentes no campo da Psicologia, da Sociologia e de outras ciências” (GUIMARÃES, 2004, apud PIMENTA e LIMA, 2017, p.51).

Na Psicologia Social, a identidade é analisada na sua dimensão política, levando em consideração as condições sociais e institucionais nas quais o indivíduo realiza sua atividade produtiva. De acordo com Ciampa (1998), a identidade é construída a partir das histórias e

projetos de vida particulares, e também com as experiências das relações sociais (CIAMPA, 1998, p.127 apud PIMENTA e LIMA, 2017, p.51). Com este entendimento podemos compreender a identidade como uma construção individual e coletiva, que envolve avaliação de outros, e também a autoavaliação.

Neste sentido, para a construção da identidade profissional, o sujeito necessita de espaços de formação e emprego para se constituir. Posto isso, Pimenta e Lima (2017), ressaltam:

Os estudos sobre a profissão docente, qualificação, carreira profissional, possibilidades de emprego, aliados a ética profissional, competência e compromisso deverão integrar o campo de conhecimentos trabalhados no estágio por meio de procedimentos de pesquisa, que tenha por objetivos a construção da identidade docente. (PIMENTA e LIMA, 2017, p.52).

Desse modo, o estágio tem como objetivo também contribuir para a construção da identidade do professor. Tendo em vista que as análises reflexivas realizadas durante o processo de formação docente, como ocorre no estágio, têm uma significativa função para fortalecimento da identidade profissional. Vale ressaltar ainda, que nesta perspectiva, no estágio, é necessário “trabalhar a identidade em formação, definida pelos saberes, e não ainda pelas atividades docentes” (PIMENTA e LIMA, 2017, p.52).

Para detalhar mais especificamente sobre a construção da identidade do professor, Pimenta e Lima (2017), trazem em seus escritos importantes reflexões. Primeiramente, as autoras enfatizam sobre a necessidade de perceber a influência das profissões na vida das pessoas. A respeito desta questão, Codo (1992), resalta que “a vida dos homens, sem dúvida, não se reduz ao trabalho, mas também não pode ser compreendida na sua ausência” (CODO, 1992, p.135 apud PIMENTA e LIMA, 2017, p.53). Isto implica dizer que, a vida dos professores não se resume a apenas ao ser professor, a exercer o magistério, mas ao mesmo tempo este profissional será percebido como professor em toda e qualquer ocasião, sendo assim, parece impossível desvincular sua vida pessoal da sua vida profissional.

Para Pimenta e Lima (2017), uma questão pertinente a ser colocada é a compreensão de que:

A construção e o fortalecimento da identidade e o desenvolvimento de convicções em relação à profissão estão ligados às condições de trabalho e ao reconhecimento e valorização conferida pela sociedade à categoria profissional. Dessa forma, os saberes, a identidade profissional e as práticas formativas presentes nos cursos de formação docente precisam incluir aspectos alusivos ao modo como a profissão é representada e explicada socialmente. (PIMENTA e LIMA, 2017, p. 54).

Considerando a citação acima, podemos perceber que as condições de trabalho oferecidas aos profissionais docentes, certamente, podem ser consideradas um dos pontos negativos para a construção da identidade profissional, do mesmo modo, o reconhecimento e valorização pela sociedade, considerados um ponto negativo.

Para melhor compreensão de como as experiências individuais e coletivas do sujeito contribuem para sua construção de identidade profissional, Pimenta (2005) traz uma importante afirmação:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão, da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. (...) Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente em seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida,

de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. (PIMENTA, 2005, p. 19 apud PIMENTA e LIMA, 2017, p. 55).

Com base na citação da autora, partindo da compreensão de que a identidade profissional é construída e fortalecida a partir das experiências vivenciadas e da análise crítica das práticas observadas ou realizadas pelos próprios estagiários, evidencia como a realização do estágio na concepção de uma atividade teórica, que possibilita a reflexão sobre o cotidiano da sala de aula, contribui para a formação da identidade profissional docente, além disso, evidencia também, o papel das relações interpessoais entre os professores para sua construção identitária.

4 O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE QUEM NÃO EXERCE O MAGISTÉRIO

Os cursos de formação de professores, geralmente, são compostos por dois tipos de alunos: os que já exercem o Magistério, e que estão em formação para a obtenção de certificado de curso superior, por ser uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96) para atuar como docente na educação básica. E também, os que não tiveram a oportunidade de exercer o Magistério em nenhuma etapa de ensino, e por este motivo durante a formação são invadidos por inúmeros questionamentos a respeito da prática na sala de aula. É com foco nesses alunos que iniciáramos essa discussão.

De acordo com Pimenta e Lima (2017), para os alunos dos cursos de licenciatura que não exercem ou exerceram o Magistério, o estágio é o local onde esses alunos poderão perceber as especificidades do contexto escolar, podendo compreender também o significado da profissão na sociedade, e a realidade existente entre os muros da escola. As autoras reforçam ainda que, é no campo de estágio que esses alunos podem reafirmar ou não a sua escolha profissional.

No entanto, a discussão a respeito da realização do Estágio Supervisionado para atender a este objetivo, irá nos remeter a questões sobre as precárias condições de trabalho dos professores das instituições formadoras. Em muitos casos, o estágio como uma oportunidade para o aluno obter uma primeira experiência na sala de aula, é interrompido pelo fato de os professores orientadores, em alguns casos, atuarem em outras disciplinas que se restringem apenas ao ensino superior e da cultura da Universidade, desconhecem a realidade das escolas da educação básica devido à falta de experiência nessa área, assim, consideram o componente de Estágio um fardo, como afirma Pimenta e Lima (2017, p. 96). Assim, evidencia-se a pouca valorização do estágio como componente curricular na formação de professores. As autoras enfatizam:

(...) os estágios, de maneira geral, acabam por se configurar em atividades distantes da realidade concreta das escolas, resumindo-se muitas vezes, a miniaulas na própria universidade e a palestras proferidas por profissionais convidados. O projeto de estágio por sua vez, fica abreviado a um agregado de atividades técnicas e burocráticas, viagens, visitas, entre outros exemplos, sem fundamentação e sem nexos com as atividades e as finalidades do ato de ensinar. (PIMENTA e LIMA, 2017, p.96).

Considerando a citação das autoras, podemos perceber os equívocos que ocorrem na realização dos estágios, e que, conseqüentemente, eles não atendem as expectativas dos alunos estagiários, tornando-se apenas um componente obrigatório do curso, impossibilitando que os futuros professores vivenciem a realidade escolar.

Nesta discussão sobre as dificuldades do estágio para os professores que não exercem o Magistério, Pimenta e Lima (2017), ressaltam que, o estágio, quando compreendido como um campo de conhecimento necessário para o processo formativo, assume a função de promover aos professores em formação a apropriação de dispositivos teóricos e metodológicos que possibilitem a compreensão da sua área de atuação, isto envolve escola, sistemas de ensino e políticas educacionais. As autoras revelam também, que é no estágio que esses professores desenvolvem a capacidade de refletir sobre a prática, usando como base além das teorias, as experiências dos alunos que estão em exercício, e a mediação do professor orientador.

No entanto, com o que de fato os alunos estagiários se deparam na escola, contribuem para o fortalecimento da equivocada compreensão do estágio. Não é inesperado que após realizar um estágio, o futuro professor já não esteja seguro de que escolheu a melhor profissão. Segundo Pimenta e Lima (2017), ao chegar à escola, quase sempre, o estagiário encontra professores insatisfeitos com as condições de trabalho, e afetados pelos os problemas socioeconômicos que interferem na escola, conseqüentemente, por muitas vezes, diante tantos problemas no ambiente, o estagiário tem receio de se tornar um incômodo, ou até mesmo de atrapalhar o trabalho dos profissionais da instituição.

Em situações como esta, em que o estagiário aparentemente não sabe lidar com a realidade com que se depara na escola, revela que o mesmo não compreendeu o objetivo do estágio, e isto, dificultará todo o processo. Sendo assim, percebe-se a importância de esclarecer seus objetivos, possibilidades e limites, afirma Pimenta e Lima (2017).

Na percepção de Pimenta e Lima (2017), um das principais questões a serem consideradas para minimizar o impacto dos problemas da escola na realização do estágio é compreender a instituição em sua complexidade, percebendo-a como um ambiente no qual existem relações de negociação entre professores e alunos, que interferem na consolidação da cultura escolar, conforme enfatiza Pérez-Gomez (2000):

O processo de socialização acontece sempre através de um complicado e ativo movimento de negociação em que as relações e resistências de professores e alunos como indivíduos ou com grupos podem chegar a provocar a recusa e ineficiência das tendências reprodutoras da instituição escolar. (PÉREZ-GOMEZ, 2000, p.19 apud PIMENTA e LIMA, 2017, p. 103).

Compreendemos então que, assim como em outras organizações sociais, na escola, busca-se impor e incorporar uma cultura dominante, o que gera conflitos internos que interferem no comportamento de todos os sujeitos que compõe esse espaço. Para Dayrell (1996), “os comportamentos dos agentes no cotidiano são construídos pela interação das experiências, demandas individuais e sociais e as expectativas em relação à cultura da escola,” (DAYRELL, 1996, p. 148 apud PIMENTA e LIMA, 2017, p.104) e isso contribui para contradições.

Partindo dessas considerações, e se tratando da aprendizagem da prática docente na realização do estágio, Pimenta e Lima (2017) apresentam questões relevantes que devem ser feitas, principalmente, por alunos que não exercem o Magistério. Dentre estas as autoras contemplam: onde a escola está situada? Como são seus alunos? Onde moram? Quais são seus problemas e suas características e como interpretam na vida escolar? Quais são os determinantes históricos, sociais, econômicos, políticos, e culturais dessa realidade?(PIMENTA e LIMA, 2017, p.104) A partir destas indagações o aluno estagiário poderá entender as especificidades que permeiam a instituição, e se perceber como um agente participativo, conquistando seu lugar na escola.

Em síntese, todo o percurso realizado pelo aluno que não exerce o Magistério durante o estágio servirá não apenas para copiar modelos de práticas de ensino, ou até mesmo para apontar falhas e levantar críticas ao trabalho desenvolvido pelos colegas de profissão, servirá

para acima de tudo, aproximar os futuros professores da realidade escolar, levando-os a perceber a escola como uma esfera social e cultural que possui suas particularidades, assumindo a posição de investigador que busca observar e analisar não apenas a prática pedagógica, e sim a escola em todas suas dimensões.

5 A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA O PROFESSOR EM EXERCÍCIO

Após realizarmos uma importante discussão a respeito da construção da identidade do professor, e concluindo que a identidade se constrói ao longo da trajetória profissional, e é fortalecida a partir de experiências individuais e coletivas, consideramos oportuno discutir também sobre uma das principais indagações dos alunos dos cursos de licenciatura quando já exercem o Magistério, a questão para o início da nossa discussão é: Por que preciso fazer Estágio Supervisionado se há tanto tempo sou professor? Sendo esta uma das questões apresentadas por Pimenta e Lima (2017).

Geralmente, quando o aluno já exerce a profissão, ele passa a defender a ideia de que não deveria ser obrigado a cumprir com a carga horária do estágio. A partir desta ideia, apresentamos algumas reflexões a respeito da contribuição do estágio para a formação de professores que já possuem experiência.

Segundo Pimenta e Lima (2017), para o aluno que já exerce a profissão, o estágio “assume o caráter de formação contínua, tendo como base a ideia de *emancipação humana*”, (PIMENTA e LIMA, 2017, p. 114) e esta é primeira questão a se considerar. A segunda questão é compreender que os problemas que o professor-aluno², se depara no campo de estágio se tornam foco de análise, permitindo que ele atue como coautor desta análise realizada com base nos conhecimentos teóricos.

Certamente, o professor-aluno, devido a sua experiência docente possui inúmeros conhecimentos sobre o cotidiano escolar, desse modo, poderá compartilhar com os demais estagiários muitos desafios enfrentados na escola, e dessa forma, surge a possibilidade de (re)construção das identidades.

O Estágio Supervisionado pode se tornar um importante campo de pesquisa e auxiliar na formação do estagiário como futuro professor. O Estágio como um campo de pesquisa permite que os estagiários ampliem seus conhecimentos através da análise do contexto escolar. Assim, os professores em formação inicial podem desenvolver habilidades de pesquisador, partindo de situações do contexto da sala de aula e de toda escola.

Considerar o estagiário como protagonista na construção de novos saberes é muito importante para configurar o campo de Estágio como um espaço de pesquisa e de reflexão pode ser a base para a construção de excelentes profissionais docentes.

Os estagiários podem desenvolver projetos que objetivam observar e analisar as diversas questões inerentes ao ambiente escolar. O Estágio oferece ao professor em formação uma nova perspectiva que é tornar o Estágio um espaço de construção de novos conhecimentos, a partir da observação e análise de todos os aspectos do ambiente escolar, assumindo assim o estagiário, uma postura investigativa.

Tirar do papel e tentar operacionalizar a ideia de professor reflexivo e pesquisador é o grande desafio das propostas curriculares dos cursos de magistério e dos planos de ensino dos professores formadores. De forma individual ou coletiva, há tentativas várias de concretização de tal proposta em diferentes modalidades de estágio. (Pimenta e Lima, 2006, p. 18)

²Termo utilizado por Pimenta e Lima (2017) para se referir ao aluno do curso de formação de professores que já exerce o Magistério.

O Estágio pode ser fundamental na formação inicial do professor que ainda não exerce o Magistério, e também, pode permitir aprendizagens muito significativas para os estagiários que já exercem o Magistério, já que estes podem utilizar o trabalho feito no campo de Estágio nas escolas que eles já estão em exercício. E assim, realizar uma troca de informações entre os conhecimentos adquiridos no campo de Estágio com as Instituições Escolares.

O estagiário pesquisador consegue problematizar as questões existentes na instituição escolar, e desse modo, tornando-se um profissional pesquisador produzindo novos conhecimentos que podem ser relevantes para o próprio campo de Estágio na interação com os professores, e também, contribuir com as escolas nas quais o professor em formação já exerce a profissão como regente.

Outra questão importante a se destacar, é sobre a função do orientador do estágio, nos casos em que ocorra de trabalhar com o professor-aluno. De acordo com Pimenta e Lima (2017), a função do orientador é:

(...) à luz de teorias, refletir com seus alunos sobre a experiência que já trazem e projetar um novo conhecimento que ressignifique suas práticas, considerando as condições objetivas, a história e as relações de trabalho vividas por esses professores-alunos. (PIMENTA e LIMA, 2017, p.115)

A citação das autoras torna compreensível que a realização do estágio de um professor-aluno surge como uma oportunidade para que o mesmo possa analisar e refletir suas práticas na sala de aula, no entanto, isto só é possível quando o professor orientador leva em consideração a experiência que este aluno já possui como professor em exercício.

Na percepção de Pimenta e Lima (2017), essa ação articuladora e a possível mediação entre as dimensões existentes entre as universidades e o contexto real das escolas e da sociedade, considerando também, as crenças, valores e a vida dos professores, assim como suas práticas e experiências profissionais “podem favorecer um intercâmbio de práticas e teorias que se intrecruzam e se complementam, em uma perspectiva de melhorar a prática dos professores-alunos estagiários” (PIMENTA e LIMA, 2017, p.116). Neste ponto de vista, o estágio, para os alunos que já exerce o Magistério, se caracteriza como uma formação contínua, como ressaltamos no início desse texto.

Nos escritos de Pimenta e Lima (2017), encontramos também uma essencial discussão a respeito do estágio como formação contínua e o desenvolvimento profissional do professor. Para as autoras, ao iniciar uma discussão sobre formação do professor, conseqüentemente, deve-se falar também, sobre o seu desenvolvimento profissional. Autoras afirmam que:

(...) A dinâmica de formação contínua pressupõe um movimento dialético, de criação constante do conhecimento, do novo, a partir da superação (negação e incorporação) do já conhecido. Além do mais, permite que se leve em conta a vasta gama de experiências que o professor vivenciou e vivencia historicamente em seu cotidiano. (PIMENTA e LIMA, 2017, p.118)

Como enfatizamos anteriormente, o fator relevante para o professor-aluno no estágio é sua ampla experiência profissional, que sem dúvidas poderá ser utilizada como base para discussões que promoverão o seu desenvolvimento profissional, de modo que possa (re) construir sua prática sob a luz de novas teorias. Partindo desta concepção, de estágio como formação contínua e desenvolvimento profissional, Pimenta e Lima (2017), apontam três eixos para o estágio: o conceitual, metodológico e o político.

O eixo conceitual é caracterizado como um espaço em que o professor se apropria de fundamentação teórica para repensar a prática, o alunos, a escola, a sociedade e, sobretudo, a profissão. Para pimenta e Lima (2017), é nesse eixo que o professor realiza suas reflexões sobre a prática, analisando-a criticamente e buscando atribuir-lhe sentido social. Além disso, é

no estágio que o professor-aluno toma consciência das possíveis causas dos problemas do seu cotidiano, tendo a oportunidade de trocar experiências com parceiros, e refletir sobre as consequências das mudanças que envolvem o âmbito educacional.

O eixo metodológico, na formação contínua, é considerado não apenas como o como fazer. Pimenta e Lima (2017), afirmam que, é na metodologia que o professor demonstra seus conceitos e valores, suas relações com sua área de conhecimento, sua ética profissional e compreensão de mundo. Neste sentido, a metodologia não se restringe apenas ao como fazer, e sim ao fazer pedagógico como um todo, portanto, “inclui determinações do espaço escolar, da organização do sistema de ensino e das políticas educacionais nas aulas” (PIMENTA e LIMA, 2017, p.120). Com esta percepção, a metodologia na formação contínua de professores deve apresentar uma proposta que possibilite a análise da prática docente, a relação teoria e prática e o trabalho docente desenvolvido nas escolas.

O eixo político apresenta como principal característica, o reconhecimento do estágio como uma modalidade de formação contínua. Para tanto, “os sistemas de ensino devem incluir em suas políticas de formação contínua as ações de desenvolvimento profissional e qualificação docente.” (PIMENTA e LIMA, 2017, p.124). Com isto, torna-se necessário que as escolas, em seus projetos político-pedagógicos, a formação contínua dos professores e sua qualificação nas universidades, assim, garante aos professores o direito de fazer a formação em serviço, afirma Pimenta e Lima (2017).

Contudo, o estágio, em sua concepção de atividade teórica e prática, quando realizado por alunos que já exercem o Magistério, promove uma grande contribuição para o desenvolvimento profissional docente. No estágio, o professor-aluno encontra a oportunidade de analisar sua prática, e fazer suas reflexões com base em fundamentos teóricos, a partir disso, o professor busca formas para aperfeiçoamento profissional, visando a qualidade da educação e, conseqüentemente, nesse processo, (re) constrói e fortalece sua identidade profissional.

Neste contexto, em que Pimenta e Lima (2017), caracterizam o estágio como uma formação contínua para os alunos estagiários que já exercem a profissão, e para garantir ao leitor a melhor compreensão a respeito de formação continuada, consideramos conveniente discorrer brevemente sobre a formação continuada de professores.

6 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Formação continuada de professores é a participação dos mesmos em cursos de aprimoramento, no qual é possível atualizar a prática docente e fornecer informações sobre as novas formas de ensinar. Permite que o educador produza conhecimento capaz de promover transformações sociais e culturais.

A instrumentalização para a prática docente começou a ser pensada no Brasil nos anos 80. Muitos estudantes terminavam os cursos de graduação e ingressavam no mercado de trabalho. Mas, ter a formação superior e ter conhecimento das teorias e práticas sobre estágio supervisionado não eram suficientes. Como afirma Martini (2010):

Na década de 70 entende-se que a atuação dos profissionais não estava satisfatória. Surge então a formação continuada como aperfeiçoamento, com o objetivo de corrigir possíveis falhas e fracassos. A intenção de obter essa formação adicional era de adquirir padrão de trabalho, perseguindo um modelo ideal de educação, valorizando os saberes científicos, porém, desconsiderando os saberes cotidianos. (MARTINI, 2010, p.30)

Os professores, mesmo possuindo experiência docente precisavam se adaptar as mudanças que ocorriam na sociedade, e dessa forma, se faziam necessários cursos de formação continuada de professores. A intenção era que esses profissionais analisassem novas teorias, buscassem novas reflexões sobre a prática docente e trocassem informações uns com os outros com a finalidade de buscar novas metodologias de ensino, que atendessem a necessidade dos alunos de uma nova realidade social.

A formação continuada tinha a concepção de treinamento, ou seja, algo mecânico e repetitivo sem espaço para reflexões. Um comportamento padrão para atingir objetivos, desse modo, as experiências dos professores e especificidades do contexto social no qual estava inserido eram desconsideradas, surgindo assim, uma tentativa equivocada de unificar o processo de ensino.

(...) a formação continuada teve um caráter extremamente tecnicista, que não levava em conta o contexto social e cultural que os docentes se encontravam, preocupava-se apenas em fazer uma formação continuada padrão, que pudesse ser aplicada uniforme, não se questionava a capacidade que aquele docente tinha para, também, contribuir na formação continuada, na troca de experiências que podia haver entre os próprios docentes, no contexto sociocultural que os docentes estavam inseridos, pois não se pode pensar que sempre o mesmo método pedagógico que funciona em um determinado contexto, vai funcionar em um contexto completamente diferente. (FERNANDES, 2014, p. 08)

É de suma importância pensar que os professores têm muito para contribuir com a formação continuada. A troca de experiências é fundamental para melhorar a prática docente. A formação continuada deve promover uma consciência docente sobre a realidade social, cultural e econômica dos educandos, e dessa forma, adaptar metodologias para trabalhar com as diferenças existentes nessa sociedade. Atualmente, a formação continuada é vista como troca de experiências, reflexão, formas de pensar diferente, com estudos e pesquisas, a fim de aprimorar e facilitar o processo de ensino e aprendizagem.

Por isso a melhor maneira de manter-se atualizado é engajar-se em um processo de educação continuada. Esta oferece ao profissional o acesso às inovações na área para a aplicação direta na prática. Conduzido por professores mestres e doutores, profissionais dedicados ao acompanhamento, seleção, estudo e análise crítica dessas inovações, a educação continuada filtra o que há de melhor nessas áreas. Dessa forma, se manter atualizado, para responder as exigências da sala de aula com seus desafios, a educação continuada é uma boa opção para acompanhar a evolução do conhecimento. (BARCELOS e COELHO, 2010, p. 38).

Dessa forma, a formação continuada é um meio onde o professor pode obter ajuda para sanar muitos problemas pertinentes no cotidiano escolar, atualizando sua forma de pensar e refletindo sobre como aperfeiçoar a prática docente. É preciso entender que o professor nunca está pronto, mas sim em constante aprendizado, numa qualificação continuada para acompanhar as transformações da sociedade.

7 METODOLOGIA

A produção deste trabalho surgiu a partir da necessidade de explicitar reflexões acerca das contribuições do Estágio Supervisionado para o professor em formação. Ao realizar o estágio, no curso de licenciatura em formação de Língua Inglesa, foi percebida a necessidade de refletir, também, sobre como o estágio contribui para a formação do profissional pesquisador e reflexivo, considerando que este já exerce o Magistério, mesmo estando no processo de formação inicial. Para atender a este objetivo, apresento uma revisão bibliográfica

sobre o histórico e processo de evolução do Estágio Supervisionado como componente curricular e suas contribuições na formação docente.

Partindo do objetivo desse trabalho, com base nas afirmações de Gil (2002), o método aplicado nesta pesquisa, configura-se como uma pesquisa bibliográfica pelo fato de se desenvolver exclusivamente a partir de materiais já existentes a respeito do tema abordado. Para o autor, a pesquisa bibliográfica traz muitas vantagens ao investigador, uma delas é por possibilitar um abrangente conjunto de fenômenos, porém, do mesmo modo, o autor orienta sobre as desvantagens para esse tipo de pesquisa. Por se tratar de uma busca e disseminação de dados já existentes, por muitas vezes, corre o risco do investigador reproduzir informações equivocadas a respeito do assunto, por isso, é extremamente necessário que o pesquisador assegure-se de que as fontes utilizadas apresentam informações coerentes, assim, evitará que a qualidade da pesquisa seja prejudicada.

Considerando o método aplicado a esta pesquisa, utilizaram-se como principais fontes, livros, que segundo Gil (2002), têm como objetivo possibilitar a rápida obtenção de informações a respeito do tema investigado, e também, artigos científicos disponíveis em sites, acessados a partir de recursos digitais, sendo está uma das principais fontes de pesquisa bibliográfica na atualidade.

Para tanto, na elaboração desse trabalho, foi adotado como embasamento teórico autores como: Bueno (2007), Pimenta e Lima (2006), Pimenta e Lima (2017), Andrade (2009), Fernandes (2014), Martini (2010) e Barcelos e Coelho (2010).

8 REFLEXÕES A PARTIR DA TEORIA APRESENTADA

É importante destacar que o Estágio Supervisionado surgiu da necessidade de formar professores mais qualificados para preparar profissionais para o mercado de trabalho, e assim, com as transformações sociais e as mudanças no contexto do trabalho do século XIX e da demanda por profissionais aptos para atuar em diversas funções começou a ser mais frequente.

Essa evolução social e econômica foi fundamental para que começassem a pensar em ideias que corroborassem na criação do Estágio Supervisionado. É importante ressaltar que o campo de Estágio surgiu numa perspectiva técnica. Dessa forma, podemos entendê-lo como um espaço de conhecimentos práticos. Partindo dessa concepção técnica, o Estágio era então, um espaço de reprodução de conhecimentos práticos que predominavam sobre os conhecimentos teóricos, assim, entendemos que o Estágio não possibilitava uma reflexão sobre as situações de todo o contexto escolar.

O Estágio não preparava profissionais docentes capazes de analisar e refletir sobre a realidade social dos alunos e da escola. Podemos entender que os profissionais resultantes deste processo de formação inicial docente no campo de Estágio eram limitados, ou seja, preparados apenas para reproduzir os conhecimentos técnicos, como observamos no texto de Bueno (2007).

Com as mudanças sociais ocorridas no Brasil como o fim da Ditadura Militar na década de 70 e 80, novas ideias sobre o Estágio começaram a surgir. É possível perceber que, com a Democracia se instaurando, os profissionais da Educação passaram a ter liberdade para pensar em novas formas de preparar esses profissionais.

Desse modo, através da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 foi possível expandir a carga horária do Estágio que passa a ser valorizado, mas, ainda entendido como um campo prático e técnico para a atuação do professor em formação. Essa ideia vai ao encontro das ideias no texto de Bueno (2007).

Como observamos no contexto histórico do Estágio Supervisionado o fazer prático sempre foi o ponto forte na formação inicial de professores devido à necessidade de profissionais técnicos capacitados para diversas funções, e que os cursos de formação docente eram divididos em teoria ou prática.

O trabalho do profissional docente requer conhecimentos teóricos e práticos, mas um não pode prevalecer sobre o outro. Refletindo sobre os textos de Pimenta e Lima (2017), podemos afirmar que teoria e prática são indissociáveis. Então, entendemos que separar a teoria da prática no Estágio é um equívoco na formação do estagiário. A partir dessa ideia, compreendemos o Estágio como um espaço de aquisição de saberes práticos e técnicos, sem considerar o trabalho de reflexão sobre o que está sendo feito no campo de Estágio.

As ideias propostas nos escritos de Pimenta e Lima (2017) confluem para o entendimento da importância de trabalhar no Estágio com a teoria aliada à prática. Sabemos que as escolas são caracterizadas por aspectos históricos, sociais e culturais, e dessa forma, o conhecimento técnico e prático não abarca todas as necessidades das instituições escolares. As situações de ensino nunca são iguais e não podem ser resolvidas apenas com técnicas.

Os textos de Pimenta e Lima (2017) nos fazem refletir sobre a teoria como instrumentalizadora da prática docente. As teorias se assemelham as situações reais, e dessa forma, possibilitando repensar a prática do professor.

As discussões sobre a relação entre teoria e prática foram importantes para a ressignificação do Estágio supervisionado. Entendemos que quando teoria e prática passaram a ser trabalhadas juntas no estágio, nos possibilitou um entendimento de que este espaço se tornou mais efetivo na formação dos estagiários.

A teoria se caracteriza como um espelho das situações reais, fazendo com que o profissional docente trabalhe a mesma, de modo que ele possa realizar seu trabalho com base em outras situações já descritas. Já a prática preza pela realização de técnicas já executadas anteriormente.

Então, entendemos que a teoria orienta o fazer prático, já que ela é uma descrição aproximada do trabalho docente que vai moldando novas práticas através da reflexão teórica e prática, ou seja, refletir sobre o que aprendeu nos textos, e principalmente, refletir sobre o que está sendo realizado na sala de aula buscando alcançar novas soluções para os diferentes problemas inerentes à mesma, e assim, formando professores pesquisadores e reflexivos.

Dessa forma, entendemos que o campo de Estágio evolui para uma nova configuração de pesquisa, de reflexão, de aproximação da realidade e de produção de novos saberes, na qual, a teoria instrumentaliza a prática, possibilitando uma melhor compreensão das especificidades do ambiente escolar. O Estágio assume a concepção de uma aproximação da realidade, vivenciando situações que farão parte do dia a dia do professor.

Entendemos que o fazer prático concebido no processo de treinamento no Estágio é importante para que o docente em formação inicial aprenda como ocorrem os processos na sala de aula, mas que essa prática deve ser acompanhada pelo conhecimento teórico, pois prática sem teoria resulta no fazer sem a condição do pensar sobre o que se está fazendo. Também, trabalhar apenas com a teoria, resultará em um discurso vago como refletimos no texto de Neto (2014). Desse modo, entendemos que se torna imperativo trabalhar teoria relacionada à prática.

Foi observado que existe um afastamento entre o campo de Estágio e as Escolas de um modo geral. Podemos entender que isso acontece devido à questão de o Estágio não receber a devida atenção e reconhecimento por suas contribuições para o professor em formação. A falta de interesse das escolas para receber estagiários vem da ideia de que os mesmos estão no campo de estágio apenas para criticar negativamente as instituições de ensino, e isso prejudica ainda mais o processo de formação de novos professores como afirmam Pimenta e Lima (2017).

Com base nos textos de Pimenta e Lima (2017), constatamos que, infelizmente, a realização do Estágio acontece quando existe proximidade entre os professores e a Instituição de Ensino Superior. A escola estabelece as normas a serem seguidas pelo estagiário. Isso restringe o conhecimento que as Universidades poderiam aplicar no Estágio se as Instituições Escolares permitissem.

Segundo Pimenta e Lima (2017), percebemos que os estagiários têm dificuldade de entender que o campo de Estágio é um espaço complexo, de “conflitos”, de “negociação” entre professores e alunos e que essa compreensão facilitaria o trabalho no Estágio. A escola impõe uma cultura dominante que vai de encontro à cultura dos indivíduos que interagem com a escola que têm experiências individuais, sociais e culturais contrariando a cultura da escola.

Apesar de todo trabalho feito para que os estagiários alcancem o espaço escolar, quando estes chegam à escola, se deparam com algumas dificuldades. A escola restringe o campo de atuação dos estagiários, os mesmos se deparam com escolas precárias, professores psicologicamente esgotados e com baixa remuneração, professores regentes oriundos de outra área, e assim, não agregam novos conhecimentos aos estudantes estagiários de outras áreas, a escola não dá nenhum tipo de suporte aos estagiários, ou mesmo, o professor orientador conhece apenas o contexto do ensino superior desconsiderando as situações da educação básica. Então, percebemos que os estagiários se sentem desmotivados para continuar na profissão docente, pois acreditam que está é algo extremamente difícil de exercer.

O Estágio Supervisionado é um espaço no qual os estagiários podem desenvolver vários conhecimentos a partir das análises e das reflexões com base em atividades que aproximam o professor da realidade escolar, e assim, como já analisamos, ele se configura em um campo de pesquisa e reflexão, pois o estagiário está em constante construção docente, buscando novos saberes, pesquisando e refletindo sobre as várias situações do contexto escolar, tanto como professor em formação, quanto como professor em exercício. Nesse sentido, o estagiário que já exerce a profissão como regente, percebe o Estágio de outra forma, ou seja, o campo de Estágio deixa de ser apenas uma formação inicial e se caracteriza também como uma formação inicial e continuada.

Refletimos sobre a questão de o professor em formação inicial que já está em exercício, tem acesso aos conhecimentos práticos da escola, como: planejar e executar uma aula. Sabe aplicar metodologias, entende o que pode dar certo ou não, e ele está interagindo com os alunos e com os profissionais da escola.

Entendemos que para o estagiário que não exerce o Magistério, o Estágio funciona como um campo de formação inicial tornando o professor em formação inicial capaz de pesquisar e de refletir sobre todo o contexto que envolve a profissão docente. A teoria é fundamental na prática do estagiário, pois é ela que direciona o profissional para a consolidação do ensino efetivo baseado na pesquisa e na reflexão.

O docente em formação pode refletir sobre suas ações e a interação na escola, pois assim, ele conseguirá entender como é a realidade da sala de aula e da escola, e mesmo sabendo que todas as situações não são iguais, ele descobrirá novas formas de ensinar utilizando a teoria para pesquisas e novas reflexões com a finalidade de encontrar soluções para os diversos problemas do contexto escolar.

O Estágio é um local onde eles podem observar o contexto escolar e entender o significado da profissão na sociedade e todas as peculiaridades que existem dentro da escola, e também, o professor em formação inicial pode ter a certeza da escolha pela profissão ou não.

O professor em formação inicial entenderá melhor a realidade escolar quando ele compreender questões como a localização da escola, como são os alunos que frequentam

aquela instituição, de onde esses alunos vêm, seus problemas sociais e questões culturais e o nível de relevância que eles dão a vida escolar.

O que se entende é que o estagiário que não exerce o Magistério não somente copiará modelos de práticas de ensino e criticará o trabalho efetuado na escola, mas, sobretudo, ele terá a possibilidade de se aproximar da realidade escolar e todas as características inerentes a ele, percebendo a escola como um lugar de interação, de troca de experiências sociais e culturais, se tornando um investigador que analisa a escola integralmente.

Por que o Estágio é tão importante se o estudante do curso de Licenciatura já está em exercício da profissão docente? Observamos que o campo de Estágio se configura como uma formação inicial e contínua para o estagiário que já exerce o Magistério. As dificuldades que o professor em formação e já em exercício se depara são de fundamental importância para o seu crescimento profissional.

É importante frisar que o Estágio possibilita através da relação teoria e prática que o estagiário desenvolva pesquisas neste espaço, já que ele tem muitas experiências práticas como professor regente, e também é um profissional reflexivo, pois através da teoria estudada no Estágio, o professor em formação tem a capacidade de refletir sobre sua prática e buscar as melhores alternativas para sanar problemas na sala de aula.

É importante destacar a relevância do professor orientador do Estágio quando ele trabalha com um estagiário que já exerce o Magistério, que o professor do Estágio trabalhe na perspectiva de reflexão e ressignificação das práticas do professor em formação inicial. Isso só é possível quando o orientador considera os conhecimentos deste estagiário.

Podemos entender que o estudante do curso de Licenciatura deve realizar o Estágio Supervisionado, e ainda, ele tem uma grande vantagem na construção da sua identidade docente, pois, o mesmo, tem a oportunidade de analisar e refletir sobre suas práticas de sala de aula. Ele assume o papel de mediador entre a Universidade e a Escola sob todo o contexto social que ela está inserida, tomando como base sua experiência profissional, levando conhecimentos para o Estágio e trazendo conhecimentos do mesmo para a escola. Essa troca de informações é muito importante, pois promove o desenvolvimento de novas práticas na escola e no campo de estágio, e se configurando como formação inicial e continuada de professores.

O estagiário que já exerce o Magistério, o Estágio se configura de uma forma mais ampla. Ele pode utilizar os conhecimentos teóricos aprendidos no Estágio, associados aos seus conhecimentos práticos e melhorar a sua prática docente. Esse estudante pode utilizar o campo de Estágio para desenvolver pesquisas e reflexões sobre as situações práticas como estagiário, e também, como professor regente se tornando um profissional mais qualificado formando alunos críticos e reflexivos sobre a sociedade.

Percebemos a importância do Estágio Supervisionado como um importante campo de pesquisa e auxiliar na formação do futuro professor. O Estágio, nessa perspectiva, permite que os estagiários adquiram conhecimentos através da análise do contexto escolar e desenvolver habilidades de profissional pesquisador e reflexivo considerando o contexto da sala de aula e de toda escola.

Observamos a importância de protagonizar o estagiário na construção de novos saberes caracterizando como espaço de produção e compartilhamento de conhecimentos. O estagiário pesquisador consegue problematizar as questões existentes na instituição escolar, e desse modo, tornando-se um profissional pesquisador produzindo novos conhecimentos que podem ser relevantes para o próprio campo de Estágio na interação com os professores, e também, contribuir com as escolas nas quais o professor em formação já exerce a profissão como regente.

Os textos de Pimenta e Lima (2017) nos fornecem ideias de que a identidade de um professor é formada ao longo de suas experiências de trabalho, mas é no Estágio Supervisionado que essa identidade é definida.

A construção identitária do professor é um processo individual, e ao mesmo tempo, coletivo, pois o docente avalia a si mesmo (individual) e avalia os outros através das interações sociais (coletivo). Isso implica dizer que a capacidade de refletir sobre a própria prática ressignifica a sua identidade. É importante ressaltar o papel do professor orientador e do professor regente são de extrema importância para que essa realização da identidade docente aconteça.

Pimenta e Lima (2017) fazem uma importante constatação sobre a identidade docente. A vida do professor não se resume apenas ao trabalho, mas que o profissional não pode, também, se desvincular de sua profissão, ou seja, a vida do professor não se resume ao fazer docente, mas ele será caracterizado como professor em qualquer lugar. Entendemos então que, a profissão define a identidade do profissional atribuindo-lhe um perfil e um padrão que, mesmo que ele não seja só o profissional, jamais poderá ser caracterizado de outra forma se tornando difícil separar a vida pessoal da vida profissional, pois a formação identitária e a configuração profissional estão atreladas ao reconhecimento e valor que é atribuído pela sociedade.

Portanto, é possível concluir que a identidade docente é construída e definida através das experiências e da análise da própria prática do estagiário, e caracteriza o Estágio como um espaço teórico e prático de pesquisa e reflexão sobre a interação social escolar, estabelecendo um padrão identitário através das relações interpessoais no campo de Estágio. Dessa forma, podemos perceber o quanto o Estágio influencia na construção da identidade do professor.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi refletir sobre as contribuições do Estágio supervisionado para a formação do professor que está em formação inicial no Brasil. Também, suscitar novas questões acerca deste tema e incentivar estudos, e consequentemente, novos saberes que podem ajudar na formação inicial do docente.

Através da relação teoria e prática, o professor em formação inicial constrói a sua identidade docente, pois ele está embasado na pesquisa e reflexão possibilitadas pela teoria. A construção identitária do professor se desenvolve ao longo de suas experiências, mas é através do estágio que essa identidade é consolidada e reafirmada de acordo com Pimenta e Lima (2017).

O estagiário que não exerce o Magistério pode constatar que o Estágio pode oferecer vários conhecimentos, e o principal deles é o de aproximar-se da realidade de uma escola e a interação social que ocorre dentro da mesma. Já o estagiário que já exerce o Magistério pode agregar muitos conhecimentos ao campo de estágio e promover pesquisas a partir de suas experiências práticas adquiridas como professor em exercício. Também é possível mediar a relação entre Universidade e Escola promovendo reflexões e conhecimentos de suma importância para a formação de um professor.

Depois de refletir sobre os escritos dos autores citados neste trabalho, foi possível entender como teoria e prática se relacionam no Estágio, ou seja, a teoria permite a instrumentalização da prática docente contribuindo diretamente para que o professor em formação reflita sobre o seu trabalho, estando mais preparado para sanar os problemas da sala de aula. Através desta relação teoria e prática percebemos que o Estágio se configura em um espaço de pesquisa e reflexão, pois o estagiário analisa e reflete sobre os conhecimentos

teóricos, e dessa forma, modifica a sua prática de acordo situações que ele se depara no contexto escolar.

Além disso, o campo de Estágio contribui para a construção da identidade do professor, pois sabemos que a identidade docente é construída através de suas experiências, mas é no Estágio que o professor em formação reafirma a sua condição de professor com a interação com a comunidade escolar e obtendo os conhecimentos propiciados pelo Estágio.

O Estágio Supervisionado se configura e uma formação inicial e continuada para os estagiários que já exercem a profissão. Isso possibilita uma aproximação da Universidade com as escolas, e também gera novos conhecimentos a partir da troca de experiências entre os dois espaços. Esses saberes podem ser compartilhados com os colegas do Estágio possibilitando que o estagiário tenha uma formação mais completa e dinâmica no que tange a atuação docente.

Todas essas características do Estágio Supervisionado corroboram com o entendimento de que as contribuições do campo de Estágio para o professor em formação inicial são de suma importância na formação docente, haja vista que é através do Estágio que o professor em formação consolida a sua profissão e adquire características importantes para este profissional que são: a capacidade de se renovar, de analisar, de pesquisar e refletir sobre o seu trabalho e todo o contexto escolar incluindo os aspectos históricos, culturais, políticos e sociais que este profissional precisa entender para exercer sua profissão de forma eficaz.

É importante mencionar que, após analisar todos esses conhecimentos, é possível concluir que, apesar de todas as formações que o docente tenha, seja inicial ou continuada, o professor sempre se deparará com novas e desafiadoras situações. É preciso que ele esteja sempre em constante pesquisa e reflexão para acompanhar as transformações políticas, econômicas, culturais e sociais, e dessa forma, exercer o seu trabalho de forma eficiente dentro da escola.

Pesquisar sobre o campo de estágio possibilitou que nós refletíssemos sobre as principais questões que caracterizam o Estágio como um espaço de formação docente de suma importância. Este trabalho sugere que pesquisas futuras sejam feitas, pois a formação de profissionais docentes requer muita atenção, e qualquer estudo nesse sentido será muito pertinente.

Portanto, o Estágio Supervisionado no Brasil surgiu de forma sucinta, se transformando à medida que a sociedade também estava mudando e necessitando de formas diferentes de ensinar para atender a demanda da evolução social e econômica de cada época. Assim, o Estágio Supervisionado é um espaço no qual o professor pode adquirir muitos conhecimentos e aperfeiçoando a sua prática docente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arnon Alberto Mascarenhas. **O estágio Supervisionado e a Práxis Docente**. In: Arnon de Andrade – Site Pessoal. Disponível em: <https://docplayer.com.br/15695971-O-estagio-supervisionado-e-a-praxis-docente-por-arnon-alberto-mascarenhas-de-andrade-o-todo-e-maior-do-que-a-soma-das-partes.html>. Acesso em 22 de Fevereiro de 2021.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. (org.) **O professor de língua estrangeira em formação**. Campinas: Pontes, 1ª Ed. 1993.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira & COELHO, Hilda Simone Henriques. **Emoções, reflexões e (trans) forma (coes) de alunos, professores e formadores de professores de línguas**. São Paulo: Pontes Editores, volume 5, 2010, 333p.

BRASIL. Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. - 3. ed : Brasília, 2019.

BUENO, Luzia. **A construção de representação sobre o trabalho docente: o papel do estágio**. Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em <https://tede2.pusp.br/handle/handle/13919>. Acesso em 22 de Fevereiro de 2021.

FERNADES, Rosivaldo Matias. **Formação Continuada: Como os professores (as) de língua inglesa encaram essa nova fase?** Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Centro de Humanidades. Curso de Graduação em Letras. Guarabira-PB, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4603/1/PDF%20-%20Rosivaldo%20Matias%20Fernandes.pdf>. Acesso em 22 de Fevereiro de 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINI, Regina. **Formação Continuada de Professores: a prática pedagógica no ensino da Arte através do projeto “Arte na Escola”**. Dissertação de Mestrado, Universidade Internacional Três Fronteiras – UNINTER, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/14848534-Formacao-continuada-de-professores-a-pratica-pedagogica-no-ensino-da-arte-atraves-do-projeto-arte-na-escola.html>. Acesso em 22 de Fevereiro de 2021.

NETO, Francisco Alves Cordeiro. **Estágio Supervisionado: relação teoria e prática no desenvolvimento profissional em Geografia**. Monografia, Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/1>. Acesso em: 10 de Fevereiro de 2021.

PEREIRA, J. E. D. As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. **Educação e Sociedade**, n. 68, dez. 1999.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, Niterói, RJ, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006. Disponível em: [file:///C:/Users/Renato/Downloads/10542-Texto%20do%20artigo-40790-1-10-20100722%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Renato/Downloads/10542-Texto%20do%20artigo-40790-1-10-20100722%20(1).pdf). Acesso em 22 de Fevereiro de 2021.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 8. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por tudo que tem me proporcionado em toda vida. Eu nunca imaginei que fosse merecedor de tantas alegrias e conquistas. Obrigado Pai.

Ao meu professor e orientador Thiago Almeida por ter aceito partilhar desse trabalho/desafio comigo e por toda dedicação, incentivo e paciência. Trabalhamos pouco tempo, mas o suficiente para me passar segurança para que eu seguisse acreditando que ele seria possível. Por sua seriedade e profissionalismo nas cadeiras de Literatura. Jamais esquecerei “Tolkien” e “Joseph Campbell”, e todo seu cuidado para com a minha formação. Obrigado por tudo!

Ao professor Celso Junior que aceitou me orientar, mas que teve que se ausentar da Universidade para concretizar o seu sonho do Doutorado. Meu muito obrigado.

À professora de Estágio Fernanda Floriano por ter me feito enxergar novos caminhos, por ser um exemplo de profissional docente. Foi a partir de seus ensinamentos que eu tive a certeza que estava no caminho certo, o caminho da docência. Por compartilhar comigo seus conhecimentos, e ter dedicado a mim momentos de diálogos e reflexões sobre a nossa profissão, contribuindo para minha construção profissional. São estes momentos que jamais esquecerei.

À minha família, minha querida mãe Vera Lúcia que sempre me ajudou durante todo meu percurso de formação; ao meu pai Inácio (in memoriam) que valorizou e orgulhou-se por todas as minhas conquistas. Aos meus irmãos, Ronaldo, Roseane, Romero, Robson, Rosimery, Rosana, Rojaíne, Ricardo e Romário, agradeço por estarem sempre ao meu lado, me apoiando, aconselhando e acreditando na minha força de seguir em frente.

Aos meus filhos, Rodrigo, Rihanna, Ricelly, Nataly e Bernardo, por me darem apoio apenas com o olhar, sem vocês nada faria sentido.

Em especial, agradeço a minha esposa, Claudia por ter tido paciência comigo nos momentos de aflição. Por ter me acompanhado durante toda a produção deste trabalho, por me fazer acreditar que eu sou capaz de realizar meus objetivos, por ter me dado apoio, por ter enfrentado comigo todos os obstáculos que surgiram no meu percurso até aqui. À ela, meu muito obrigado, te amo muito!

A esta Universidade, e aos docentes do curso de Letras-Ingês por me proporcionar uma formação profissional de nível superior, permitindo o surgimento de oportunidades que me fizeram criar novas expectativas de vida.

A todos os meus amigos do Curso de Licenciatura em Letras-Inglês, em especial: Leandro, Alisson, Charles, Hélio e Carol, que em vários momentos me ajudaram com palavras de apoio.

Por fim, à escola na qual eu tenho a oportunidade de vivenciar experiências docentes incríveis, a todos os profissionais que me apóiam, e a todos os alunos que eu tanto amo, e com tantas experiências, constrói-se minha identidade docente.